

HISTÓRIA ORAL BRASILEIRA: TRAJETÓRIA E PERSPECTIVAS

Antonio Marcos de Almeida Ribeiro
Universidade do Estado da Bahia
UNEB/Campus XIII
E-mail: macribial@yahoo.com.br

RESUMO

Houve uma vigorosa difusão de projetos e o surgimento de questões a respeito do passado a partir da história oral configurando-se como uma forma de pensar a sociedade. Hoje existe uma comunidade de pesquisadores de diversas áreas que trabalham refletindo sobre a contribuição dessa temática em suas pesquisas. Está consolidada, sendo discutida em todo mundo nos cursos e disciplinas sobre método e teoria. Tratamos aqui de continuar um debate aberto sobre o panorama e perspectivas da história oral. Uma reflexão cronológica do papel da história oral brasileira na historiografia contemporânea, nos últimos anos a partir de 1970. Esse tipo de abordagem é uma afirmação do que a história oral proporcionou e pode oferecer em termos de produção do conhecimento. Um observatório do papel da história oral brasileira no tempo presente.

Palavras-Chave: História oral, historiografia, teoria, pesquisa e prática.

ABSTRACT

There was a vigorous projects dissemination and the emergence of questions concerning the past from the oral history by setting as a way of thinking to society. Today there is a community of researchers from diverse areas who work reflecting on the contribution of this theme in his research. Consolidated is being discussed throughout the world in the courses and disciplines about method and theory. We treat here to continue an open debate on the oral history perspective and panorama. A chronological reflection of the Brazilian oral history in contemporary historiography role, in recent years from 1970. This type of approach is an affirmation of that oral history has provided and can offer in terms of production of knowledge. An observatory of the Brazilian oral history at the present time.

Keywords: oral History, historiography, theory, research and practice.

1. INTRODUÇÃO.

A proposta desse trabalho é refletir sobre a história oral e sua trajetória no Brasil e suas perspectivas na atualidade. Esse tipo de abordagem é uma afirmação do que a história oral proporcionou e pode oferecer em termos de produção do conhecimento.

Meihy (1996, p. 49) atesta que “O debate sobre a inserção da História Oral no Brasil interessa enquanto mecanismo reflexivo sobre as relações entre o conhecimento formal acadêmico e a política cultural do país”.

Sendo assim, o desdobramento, a possibilidade da história oral compõe um quadro de análise significativo dentro dos debates da historiografia brasileira, porque gera pressupostos teóricos que visando atender interesses que reelabora o conceito de pesquisa sobre ponderações do tempo presente. Além do mais, abrir um debate sobre a trajetória da história oral enquanto método e teoria amplia os conhecimentos daqueles que estão engajados em alguma produção científica.

2. UM CONTEXTO CRUCIAL.

Nas décadas de 70 e 80 a ciência como um todo estaria sofrendo uma crise de identidade e paradigmas que afetaria todas as áreas, principalmente as humanas. Para Vainfas (1997) e Burke (1992) a crise da história, como disciplina, fazia parte de uma crise geral, ideológica, política, de valores, que afetava o conjunto das ciências sociais e humanas. Não era apenas o paradigma histórico tradicional que ruía, mas sim toda uma concepção de ciência. O paradigma histórico tradicional foi construído pelo cientificismo do século XIX. Historiadores como Ranke acreditavam poder reviver o passado tal qual aconteceu. Sem a necessidade de uma interdisciplinaridade. A objetividade se propunha a narrar os grandes feitos, fatos políticos e trajetórias heróicas.

As críticas a tal concepção de história estavam situadas no ataque geral as bases epistemológicas em que ela estava assentada. Os responsáveis pela crítica ao paradigma histórico tradicional foram os membros da primeira geração dos *Annales*, ao proporem uma nova maneira de pensar a história. Somada a este ataque interno, tinha-se também o repúdio as noções de verdade absoluta e objetividade. Esse colapso que possibilitou a procura por estudos diferentes e inovadores fez surgir uma nova historiografia que se preocupava com tudo, onde não havia paradigmas, e a história seria subjetiva, ao contrário da história tradicional. O caráter geral dessa crise derivava da simultaneidade da crise da história e da crise da escrita da história, e dizia respeito a todas as dimensões da profissão de historiador e de sua relação com a sociedade. Nesse contexto o advento da história oral só foi possível:

Ao superarmos a máxima de que “sem documento não há história” -, e, no caso de tal dogma, “documento” era o que estava escrito e autenticado -, ampliamos,

nós os historiadores, o campo de nossas possibilidades de leitura e de interpretação do tempo histórico. (FENELON, 1996, p. 26).

Além das críticas ao estruturalismo, corrente de pensamento das ciências humanas que se inspirou do modelo que apreende a realidade social como um conjunto formal de relações. A reintrodução dos agentes minoritários nos grandes processos históricos alterou a perspectiva historiográfica, deixando em segundo plano o quantitativo pela própria crise paradigmática da historiografia contemporânea, passando a ser substituídos por outros fazeres historiográficos que possibilitaram o surgimento de novos objetos, problemas, instrumentos analíticos e fontes.

Os estudos avançavam como um modelo nas práticas historiográficas buscando uma descrição realista do comportamento humano, dando voz a personagens que de outra forma nunca seriam ouvidos. Os sintomas dessa efervescência divisória seria a contínua multiplicação dos objetos e consequentemente das fontes sem perder a erudição e sensibilidade no trato das mesmas numa dimensão interdisciplinar.

3. A “PRÉ-HISTÓRIA” DA HISTÓRIA ORAL BRASILEIRA - TRAJETÓRIA NOS ANOS 70.

A crise de paradigmas juntamente com os debates historiográficos influenciou na ascensão da história oral a nível mundial, enquanto que, no plano nacional toda conjuntura oriunda do golpe de 64 coibiu experiências dos projetos que gravassem depoimentos. O Brasil se retraía enquanto que no plano internacional se expandia. A história oral era motivada no plano internacional pela contracultura combinada com o advento das tecnologias de comunicação pós II Guerra, se atentando a gravação de sons e outras formas de registros audiovisuais. Além do mais:

Entre nós, a história oral tardou-se a se desenvolver em função de dois fatores primordiais: a falta de tradições institucionais não-acadêmicas que se empenhassem em desenvolver projetos registradores das histórias locais e de tradições populares, e a ausência de laços universitários em vista dos vínculos com o localismo e com a cultura popular. (MEIHY, 2005, p. 99).

Antes de 70, porém, o Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU) em São Paulo já trabalhava com depoimentos e entrevistas, mas sem a inovação da metodologia em história oral. E o Museu da Imagem e do Som (MIS) desde 1971 se dedicava à preservação da memória cultural brasileira. Outras experiências semelhantes ocorreram na Universidade Estadual de Londrina e Federal de Santa Catarina. Mas o marco inicial

seria a implantação do programa de história oral do CPDOC/FGV/RJ¹ através de iniciativa da Fundação Ford, num esforço que abrangia toda América Latina, principalmente México e Brasil por serem espaços nacionais em termos de equilíbrio e estabilidade política, no caso do Brasil respaldado pelo milagre econômico.

A abertura de verbas oriundas dos EUA, desde os anos 60, era uma iniciativa defensiva de prevenção contra ideias comunistas e se “enquadrava” ao modelo de desenvolvimento proposto pelo golpe de 64. Quer dizer, que todo projeto deveria estar respaldado nos ditames da vigente ordem. Sobre o apoio da Fundação Ford em implantar tal programa vale ressaltar que tinham interesses de ordem bem mais abrangente:

A escolha do México e do Brasil, no primeiro quartel dos anos 70 em particular em 73, não causa surpresas. Tratava-se dos dois mais importantes espaços nacionais em termos de equilíbrio político continental e, mais que isto, naquele momento, de modelos para outros países “irmãos” reconhecerem o significado da “estabilidade” econômica consubstanciada nos “milagres econômicos”. No caso do Brasil, nosso “modelo de desenvolvimento”, proposto pelo golpe militar de 64, se afigurava como alternativa a ser imitada e, para isto, valeria a pena, aos olhos estrangeiros, estudos. Além do mais, depois de 1959, com a chegada de Fidel Castro ao poder, fazia com que os Estados Unidos olhassem para o continente com preocupação de novas Cubas. A abertura de verbas, desde os anos 60, permitia que experimentos intelectuais fossem tentados, no esforço defensivo para prevenir possíveis adventos comunistas. (MEIHY, 1996, p. 4).

A contribuição americana tinha como pressuposto o pioneirismo de Allan Nevins da Universidade de Columbia de Nova York, que em 1948, fundou o *Oral History Program*²¹, um núcleo que reunia arquivos de fontes orais e elaborava projetos pioneiros na área. Inclusive cunhou o termo história oral. O programa perpassava por embasamentos éticos, procedimentos sistemáticos, técnicas de preparação dos pesquisadores e de abordagens do entrevistado, etc. Em linhas gerais, reconstruir a história através das múltiplas versões numa legítima fonte com esforço multidisciplinar envolvendo etnografia, sociologia, psicanálise e psicologia.

Em 1975 foi lançado um curso de pós-graduação de história oral, contando com professores americanos e 35 alunos de todo país. Ministrado na Fundação Getúlio Vargas contava com o patrocínio da Fundação Ford e da CAPES. A intenção era difundir

¹ Em 1990 o CPDOC já constava em seu acervo com 445 entrevistas e 2329 horas gravado. Em 2005 já eram 1.000 entrevistas e 4.000 horas de gravação disponível aos pesquisadores. Para conhecer melhor o programa acesse: www.cpdoc.fgv.br.

²¹ O OHRO (Oral History Research Office), da Columbia University, possui uma coleção de mais de 6.000 fitas gravadas e mais de 600.000 páginas de transcrição esse material é consultado anualmente por mais de 2.500 pesquisadores.

o uso da metodologia de maneira a implementar programas de história oral em diferentes centros universitários e ativar canais de intercâmbio em todo Brasil.

Além do curso era implantado também um programa de história oral no CPDOC/FGV, contando com um pesquisador e um estagiário. O propósito inicial era registrar e arquivar o depoimento de pessoas colaboradoras da instituição, sobre a trajetória política e suas grandes transformações a partir da década de 20. Contava com a experiência americana em banco de dados, juntamente com a inspiração Europeia, que privilegiava a lógica da investigação científica, articulando assim, pesquisa e documentação. O primeiro trabalho delimitava: 'trajetória e desempenho das elites políticas brasileiras'. Com desdobramentos sobre a revolução de 30 e elites.

O CPDOC trabalhava em duas frentes que foram tradicionalmente marginalizados dentro da história oral: história política e o estudo das elites. O foco era em áreas pouco estudadas da vida social em que predominava zonas de obscuridade seja nas elites, seja nas massas. As pesquisas deveriam desvendar as múltiplas experiências e versões ignoradas pelo desinteresse das fontes oficiais. Histórias ignoradas do público e especialistas, definindo a necessidade de consolidar um poder civil e democrático de maneira sólida e duradoura.

Assim o programa de história oral do CPDOC prestou alguns serviços à memória brasileira, criando um banco de dados de utilidade pública e acadêmica. Revitalizou e deu credibilidade à combalida história política em virtude do culto dos grandes homens e dos métodos superficiais. O programa garantiu o sentido de dar maior rigor e *status* científico para gravações e entrevistas. Mostrava a riqueza inesgotável do depoimento oral para além do simples suporte documental, como instrumento de compreensão mais ampla e globalizante do significado da ação humana.

Em 1977 realizou-se o II curso de História Oral na UNB (Universidade de Brasília), com apoio da Fundação Ford, Organizações dos Estados Americanos (OEA) e Fundação Getúlio Vargas (FGV). Era outro esforço na tentativa de dar continuidade às propostas de 75 já que poucos centros foram concretizados. A história oral brasileira fazia sua trajetória de forma irregular, como atesta Marieta de Moraes Ferreira (1996, p. 13):

A ideia da História Oral pouco a pouco ganhava novos adeptos, mas de forma precária e desorganizada. A desejada montagem de uma rede de programas de história oral, nas diferentes instituições e estados, e o estabelecimento de um intercâmbio regular entre os pesquisadores da área, através da criação de uma instituição de caráter nacional, não se concretizaram.

E José Carlos Sebe Bom Meihy (1996, p. 5) acrescenta:

O apagamento das investidas que se deram entre 73, 75 e 77 não é significativo apenas para se verificar a fragilidade de nossos estudos historiográficos. Mais que isto, serve para evidenciar que entre os acadêmicos em geral, ficou comprometido o valor da história oral que, por frágil, não conseguiu sobreviver mais que para grupos localizados.

A reflexão e os trabalhos em história oral eram reduzidos e os programas institucionais não vingavam. Apesar do patrocínio norte-americano através da Fundação Ford a própria conjuntura da ditadura militar, era um dos entraves. No campo acadêmico percebia-se resistência e indiferença principalmente nos cursos de História. Já entre os antropólogos e sociólogos a indiferença estava no fato que a pesquisa com depoimentos orais eram “repetitivas” e tinham como uma experiência antiga.

José Carlos Sede Bom Meihy (1996) analisa que a história oral brasileira nos 70 era essencialmente marcada por modelos importados. Tentavam dar explicações em uma realidade impregnada pelos traumas de silenciamento. A gestação da história oral padecia por interrupções que comprometia a própria reflexão produtiva esbarrando na muralha da autocensura erguida pelos militares. Soma-se a essas tensões o tardio reconhecimento das instituições e pessoas que insistiam em modelos de pesquisa defasados e sem enquadramento nos novos paradigmas de conjuntura mundial. Era a imaturidade frente ao novo.

4. A REAFIRMAÇÃO, INSTITUCIONALIZAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO - TRAJETÓRIA NOS ANOS 80 E 90.

Desde o processo de anistia no final dos anos 70 e com a abertura política em 83 notava-se grande interesse e ansiedade em promover debates, captar experiências em torno da oralidade e preservação da memória. Trabalhos em duas frentes se iniciavam: literatura memorialística e história oral. Museus, arquivos e grupos expressavam grande interesse em torno das oralidades. Além disso, dentro da historiografia o estatuto dos processos de longa duração foi caindo de voga. O depoimento saltou como um potencial de estudos dos acontecimentos e conjunturas sociais. A investigação por métodos quantitativos por qualitativos foram se alterando no cenário das pesquisas em ciências humanas.

As transformações decorridas da crise de paradigmas valorizaram as análises qualitativas e resignificou as experiências individuais, e ganhava novo impulso a história cultural incorporando o estudo do contemporâneo. A expansão dos debates sobre memória e suas relações colocando em evidência o homem como construtor de sua identidade quebrava as objeções dos críticos sobre a subjetividade.

Abria-se um crescente diálogo - num contexto de transformações políticas, econômicas e sociais - esbarrando na biografia, tradição oral, memória, linguagem e métodos, método de investigação e fonte de pesquisa. Levava-se a um viés metodológico que não pertencia a nenhum domínio estrito do conhecimento. Um diálogo interdisciplinar estava em franco debate. A forma estruturalista de pesquisa difundida e dominante, nas universidades entre os pesquisadores brasileiros, que criava resistências para aceitação de fontes orais estava em franco declínio.

Em 1988 ocorria no Instituto Mora no México o I Encontro de Historiadores Oraís da América Latina, um sinal do avanço da história oral no continente. No Brasil é lançado em 1989 o livro *História Oral: a experiência do CPDOC*, em resposta a inúmeras visitas de interessados querendo conhecer tudo relacionado ao programa. Uma obra de caráter institucional que visava expressar a prática pioneira do método. Apesar de ser criticado por ter um caráter essencialmente prático, sem aprofundamento teórico, se tornou na época referência obrigatória para pesquisadores e estudiosos em história oral.

Até aquele momento, início dos anos 90, Marieta de Moraes Ferreira (1996, p. 14) fala que “a História Oral não merecia figurar nos currículos dos cursos universitários, não implicava nenhuma reflexão específica e nem contava nas programações de seminários e simpósios”. Mas o quadro mudou drasticamente, o sucesso alcançado pela história oral a nível internacional era motivo de crescimento no Brasil aliado com o processo de redemocratização. Um novo fôlego havia sido tomado como diz Ferreira (1996, p. 14) na época:

Em contrapartida, nos anos 90 esse quadro vem se alterando de forma substantiva, indicando um crescimento inusitado e por vezes assustador da História Oral. Há uma demanda importante não só na comunidade acadêmica, mas de setores diferenciados da sociedade.

A experiência dos 90 credita o conceito de “nova” história oral no Brasil atestando como uma re-introdução, de recobrar a historicidade desse método. Em 1992 ocorreu em São Paulo, na USP, o Congresso Internacional América 92: raízes e

trajetórias. Ali houve uma proposta motivada pelo Brasil e México através da nova geração de oralistas¹, da criação de uma associação latino-americana de história oral. Ficou apenas estabelecido que antes da criação de uma associação continental seria necessário haver esforços no sentido de se criar associações a nível local, que serviriam de base para uma organização de maior abrangência.

Somente em 1994 durante o II Encontro Nacional de História Oral: História Oral e Multidisciplinaridade sob coordenação geral do CPDOC/FGV é que se cria a Associação Brasileira de História Oral (ABHO)¹. Seus associados afunilariam pesquisas em torno da temática congregando pesquisadores nas áreas de história, antropologia, ciências sociais e demais áreas das ciências humanas de todo território brasileiro. Uma materialização de aspirações, celebração ao progresso do conhecimento apresentando as novas tendências das pesquisas cimentando a institucionalização da história oral no Brasil.

E em 1996 durante o IX Congresso Internacional de História Oral, em Gotemburgo, Suécia, criou-se a International Oral History Association (IOHA)² com expressiva participação de brasileiros. Seria uma instituição para oralistas de todas as partes do mundo compartilhar a experiência humana a partir de fontes orais, promovendo e publicando pesquisas na área, além de apoiar as organizações locais.

O Brasil despontava pelos encontros a nível nacional e pela incessante participação nos encontros de projeção internacional. Esse impacto motivou a escolha do Brasil como sede do X Congresso Internacional de História Oral, realizado no Rio de Janeiro em 1998. Era um reconhecimento pela participação dos brasileiros em todos os encontros e os inúmeros trabalhos relevantes na área.

Os encontros realizados na década de 90 contribuíram para maior divulgação da história oral possibilitando uma quantidade significativa de trabalhos e o crescimento de múltiplas experiências. Isso aprofundou os debates sobre as tendências historiográficas brasileiras dando um nível de credibilidade sem precedentes a temática. Essa aceitação no mundo acadêmico marcava a reafirmação, institucionalização e inserção dos brasileiros em história oral. Isso devido a qualidade e originalidade da produção em questões e problemas peculiares a nossa realidade, sem perder de vista os fundamentos e a novas tendências em oralidades.

¹ Termo utilizado para indicar pessoas especializadas em história oral.

¹ Para conhecer mais sobre ABHO acesse: <http://www.historiaoral.org.br>

² Sobre IOHA acesse: <http://www.iohanet.org>

Havia uma aceitação maior na academia, em projetos comunitários e como instrumento de *marketing*, onde empresas desejavam registrar suas trajetórias através de depoimentos. Essas práticas sempre esbarravam em divergências e debates, mas tudo isso refletindo a riqueza e a diversidade da prática da história oral nos anos 90 e suas perspectivas quanto ao futuro.

5. AS PERSPECTIVAS PARA ALÉM DO ANO 2000.

O terceiro milênio se abria trazendo consigo desafios, conceitos e problemáticas dentro de um novo contexto mundial. Além das clássicas questões, outras conjunturas se inseriam dando um perfil fundamental para o desenvolvimento da história oral. As possibilidades e perspectivas diante da aceitação da história oral tornava a mais promissora das tendências em entendimento da sociedade. E o Brasil pela inserção precoce no cenário internacional conseguia agregar variedade, capacidade de abranger várias temáticas, direções e tendências teóricas dentro de paradoxos e contrastes.

A história oral atingiu um nível de credibilidade entre os acadêmicos, mas isso não significava dizer que não existiam pessoas avessas a essa metodologia, que a veriam como modismo ou recurso fácil para apreender os fenômenos sociais. Muito dos historiadores ainda hoje enxergam as novas fontes: fotografia, diário, carta e depoimento oral, como fontes subsidiárias, com baixo valor histórico, servindo apenas para ilustrar alguma ideia já comprovada pelo documento oficial. Portanto veem como complementaridade das fontes.

Outro ponto importante é que as tendências do mundo contemporâneo são ignoradas por grande parte dos museus. A história oral pode contribuir no sentido de atender as demandas, as realidades e anseios ao registrar a experiência humana. Isso faz com que essas mudanças tecnológicas alterem o conteúdo dos arquivos históricos, é o que diz Verena Alberti (2006, p. 164) sobre a forma de adicionar conteúdos aos museus:

Além das entrevistas de História Oral, outros registros sonoros (músicas, *jingles*, gravações radiofônicas), fotografias, caricaturas, desenhos, anúncios, filmes, monumentos, objetos de artesanato, obras de arte e de arquitetura são passíveis, hoje em dia, de se tornar fontes para o estudo da história. O documento escrito deixou de ser o repositário exclusivo dos restos do passado.

Questão importante toca no *status* que abre polêmicas do que seria história oral: ferramenta, técnica, metodologia, forma de saber, fonte histórica ou disciplina? Essas são as demandas qualificadas atualmente. Isso vem aumentando com a evolução e

difusão das reflexões acerca do estatuto da história oral e a busca pelo melhor posicionamento. Alguns teóricos como Philippe Joutard (2000) aponta que a resposta está nos fundamentos, com o compromisso inicial que marcou sua existência: a de dar voz aos excluídos com a capacidade de analisar criticamente a totalidade da documentação na produção de interpretações.

Outros autores possuem opiniões bem mais 'revolucionárias' e que está longe de se definir. O debate é relevante cheio de paradoxos, José Carlos Sebe Bom Meihy (2005, p. 283) mostra que esse posicionamento deve ser delimitado logo:

[...] ou a história oral se firma como disciplina independente e incorpora os benefícios da parafernália eletrônica moderna e os conteúdos filosóficos filtrados pelos debates gerais ou ela continuará a ser um modismo com dias contados.

Existem ainda os hesitantes que temem que a história oral passe da marginalização para a banalização ou um embotamento, perda da criatividade do dinamismo pela institucionalização e academicismo. Philippe Joutard (1996) respondendo a essas dúvidas aponta para os temas e desafios que serão mais recorrentes nesse milênio: o mundo do trabalho, fenômenos migratórios, problemática dos gêneros, a construção das identidades, vida cotidiana, evolução das representações e os discursos sobre os discursos. Reflete ainda que a história oral não deva ser apenas exclusivamente para o povo (os sem-terra, para os esquecidos), mas as camadas mais elevadas, as elites merecem ter pesquisas específicas. Alijada a isso existe outras demandas como a rápida evolução das tecnologias de comunicação, a reflexão metodológica ligada a interdisciplinaridade, a articulação da história oral de sua produção e o diálogo com o público, as situações históricas extremas que acarretam um traumatismo da memória e como tornar públicas feridas do passado. Os temas oriundos desse novo milênio e os numerosos desafios são suficientes para abarcar toda hesitação e suscitar muitas pesquisas e reflexões.

Já Paul Thompson (2006) aponta outros temas emergentes como: famílias transnacionais, crimes, desvios de comportamento, violência e drogas, história de artesãos, história das ONG's, a recepção da cultura por parte das comunidades. Além das pesquisas existe ainda o impacto social com a utilização da história oral como terapia utilizada pelos assistentes sociais e profissionais de saúde na mobilização de comunidades. São temas variados que só amplia a potencialidade da história oral. Thompson (2006, p. 22) mostra ainda como as pesquisas podem ser mais ricas:

[...] se ganha muito ao misturar métodos de pesquisa social, em lugar de ficar preso a um único método [...] não acho uma boa ideia simplesmente praticar história oral como forma de pesquisa qualitativa, pesquisa em profundidade, sem qualquer conexão com o trabalho quantitativo. Se quisermos utiliza-la com eficácia, nas ciências históricas e sociais, precisamos nos valer dos dois recursos, porque eles têm necessidade um do outro.

Essa dinâmica se configura numa busca que legitima outras formas de revisar o passado, de entender, de propor e propiciar mudanças, em pedir emprestados recursos da psicologia, antropologia, etnologia, geografia, sociologia, demografia, etc. Para compreender os silêncios, esquecimentos, intenções e tergiversações. Selma Leydesdorff (2000) aponta para os desafios do transculturalismo sugerindo o incremento de estudos nessa área, onde a experiência individual pode revelar-nos as representações culturais.

Existem também outros desafios de ordem metodológica como a captação da imagem pela história oral. Além disso, raros estudos sobre as hesitações e silêncios produzidos nas entrevistas. O caminho seria o trabalho redobrado da busca incessante para uma melhor produção, dominar o ofício de maneira a conhecer os fundamentos, as técnicas, as teorias, as bibliografias, mantendo-se sempre atualizado. Como diz Eugénia Meyer (2000, p. 113, 114):

Os desafios para o século XXI, parece-me, só podem partir de um balanço real e objetivo do que temos sido e feito, tanto como protagonistas quanto como historiadores. As novas metodologias e teorias aplicadas ao trabalho histórico - na história econômica, política ou social; na das mentalidades, dos sem história, dos operários, dos camponeses, das classes subalternas, dos biografados no poder; dos assuntos de gênero; ou dos *ismos* que nos enquadraram, fossem eles cientificismo, positivismo, marxismo, estruturalismo etc. - nos levam a pensar, no fim do século e do milênio, em uma tarefa obrigatória e permanente: revisar a história, aspirando a uma história total, integral, plena, inclusiva, que reconheça, em consequência, a história oral como um método de investigação, ferramenta que se integra em outras formas de recursos heurísticos para construir permanentemente a história.

Outras discussões recaem sobre a integração entre história oral e as novas tecnologias partindo de como transmitir a consciência individual e coletiva, sobretudo na internet. E como ferramenta capaz de fazer conexões entre pessoas e mundos sociais e geográficos diferentes. Isso se configura num trabalho de multimídia globalizado e ao mesmo tempo problemático porque apenas parte da população utiliza a rede.

Outra tarefa é o de como oferecer e guardar, como organizar e lidar com a sobrecarga desses arquivos. Ainda existe a dimensão da tradução que é importante para

cruzar histórias de vida de grupos. Paul Thompson (2006) vê que uma cultura de reutilização das pesquisas qualitativas para reestudo seria um caminho, e Philippe Joutard (2000) aponta para um recenseamento das pesquisas sugerindo uma meta-análise da produção mundial. Alistair Thomson (2000, p. 64) percebe que:

A multimídia tem o potencial de expandir estas possibilidades. Os formatos multimídia podem incluir maciça quantidade de material textual, oral, visual e de vídeo. Eles facilitam a justaposição simultânea de diversas formas de evidência, inclusive relatos e interpretações complementares e contraditórios. Não requerem, para navegação, conhecimento da linguagem escrita (requerem, ao invés, outros tipos de conhecimento). Talvez mais importante, eles permitem aos usuários escolher seus próprios roteiros, fazer suas próprias interpretações e conexões e, até, questionar a construção da história: como e por que os historiadores contam determinadas histórias e não outras, e como a forma afeta o significado da história.

As perspectivas para o século XXI mostraram que a história oral aprofundou os debates epistemológicos, avançando em termos conceituais e evidencia diferenças metodológicas. Configura-se um caminho interessante para se entender e conhecer as diversas manifestações da sociedade. Verena Alberti (2006) percebe essa sintonia da história oral com o nosso tempo e as novas tendências em pesquisas em ciências humanas e as múltiplas influências do mundo globalizado. Os campos estão abertos, longe de se esgotarem, ampliando a cada dia, possibilitados pelas características de flexibilidade, criatividade e na finalidade essencialmente social.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Tratamos aqui de continuar um debate aberto sobre o panorama e perspectivas da história oral brasileira através de uma análise bibliográfica específica. Explicitando a evolução de uma prática, uma reflexão cronológica do papel da temática na historiografia contemporânea a partir de 1970. Um observatório do papel da história oral no tempo presente. Portanto, soma-se a outros trabalhos numa polifonia retrovisora. Elos que se unem num objetivo comum de demonstrar como se configurou a trajetória da história oral no Brasil e suas múltiplas potencialidades e possibilidades para o século XXI.

Recebido em: 13/11/2011

Aceito em: 15/12/2011

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: FGV, 1989.

_____. *Histórias dentro da História*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2006.

BURKE, Peter (org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

FENELON, Déa Ribeiro. *O papel da história oral na historiografia moderna*. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). (Re) Introduzindo História Oral no Brasil. São Paulo: Xamã/USP, 1996.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (coord.). *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

_____. Marieta de Moraes. *História Oral e Tempo Presente*. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). (Re) Introduzindo História Oral no Brasil. São Paulo, Xamã/USP: 1996.

JOUTARD, P. *Desafios à história oral do Século XXI*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena (orgs.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Casa Osvaldo Cruz, 2000.

_____. *História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da história oral*. São Paulo: FGV, 1996.

LEYDESDORFF, Selma. *Desafios do transculturalismo*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena (orgs.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Casa Osvaldo Cruz, 2000.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. (org.). (Re) *Introduzindo história oral no Brasil*. São Paulo: Xamã/USP, 1996.

MEYER, Eugénia. *Balanço e novos desafios*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena (orgs.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Casa Osvaldo Cruz, 2000.

THOMPSON, Paul. *História oral: patrimônio do passado e espírito do futuro*. In: WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez (orgs.). *História falada: memória, rede e mudança social*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Museu da pessoa/SESC-SP, 2006.

THOMSON, Alistair. *Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena (orgs.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Casa Osvaldo Cruz, 2000.

VAINFAS, Ronaldo; FLAMARION, Ciro. (Orgs.). *Domínios da história: ensaio de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.